Anno 15.º — Sabado, 10 de Fevereiro de 1923 — N.º 763

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
PROPRIEDADE DA EMPREZA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões — AVEIRO.
Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

O PADRE LIBERAL

Eis uma interessante mentira na qual muita gente finge acreditar.

Padre liberal é um absurdo, os termos repelem-se, é como se disséssemos um malandro honrado. Se se é padre não se é livre, se se é livre não se é padre. O homem livre, sendo o senhor da sua consciencia alheia; o padre, tendo por consciencia propria a infalibilidade do papa, fabrica gazuas para devassar as consciencias dos outros. Mas o padre, que, atravessando serranias e descampados, vai ao lar frio e sem pão levar o pão e o afecto, a palavra de amor e o gesto de esperança?

O padre que, por entre o ódio dos homens passa erguendo a cruz do perdão, pronunciando palavras de paz, tendo para o crime a indulgencia do forte, para a virtude ternura e carinho de irmão?

O padre confidente e amigo da familia, feiticeiro do coração humano, que sabe levar ao lar alanceando, á intimidade, a alegria sã, o são aconchego que dá a presença da bondade, a força da vida, a esperança que dá a presença da virtude?

Póde o padre ser isto?

Podia tê-lo sido e, por excepção, foi-o.

Quando a razão humana se não tinha ainda incompatibilisado com o dogma, quando o dogma ainda não tinha declarado guerra ao pensamento, quando ainda a alma ingénua do povo guiava a mão simples e a alma pura do pastor, o padre ideal, cheio de poesia e de *religião*, era, na verdade, o heroi familiar, o amigo certo, o manto do nú, o pão do faminto, o enfermeiro das almas.

As tempestades levantadas no vaticano mal atingiam o solitário pastor da Montanha. O alto clero intrigava, o padre curava doentes, visitava tristes, via alvoradas e primaveras, falava aos homens e ás aves, resava a Deus e ás estrelas.

Hoje a tempestade estremece por toda a terra, um vento genesio abala as montanhas, encrespa os mares, fustiga as arvores e os homens. A terra revolve as entrenhas, e, de serra em serra, a voz do vento, prégando criação, revela energias ocultas, levanta forças indomáveis, grita o ritmo selvagem das formas novas, anciosas, loucas da proximidade da criação. O homem concebeu um novo Ideal, quebrou os moldes acanhados do antigo mundo e aflito, hesitante ainda, procura a nova Terra da Promissão.

Desfeitas, desmoronadas estão as catedraes e as mesquitas. As religiões morreram, com elas levaram os seus deuses, que, analisados de perto, se viu serem de barro. Nenhuma religião está segura, todas condenadas. Cairam as catedraes gigantes porque as abalou o vento de criação, como hão-de ficar em pé esses grotescos edificios civis, que albergam o deus—humanidade?

Os homens perderam *um* Deus. Não seria a retirada de um Deus falso e intruzo a quem a verdade e Deus expulsou?

A morte do Deus das religiões é o preludio do advento do verdadeiro Deus, integração do individuo no Universo, individual, evolutivo, efectivando-se na acção continua e infinita, no progresso eterno do amor e da justiça.

O padre, delegado daquele deus morto, como pode ser livre?

A quem ha-de ouvir?

Ao passado que o prende, ou ao futuro que o impele e ilumina? Ao papa que o manda olhar para as trevas ou á sciencia, á filosofia que lhe apontam o sol, o homem, o Universo?

Ao dogma que lhe prega a morte, a maldade da alegria, a impureza da criança, o pecado da mulher ou á vida que lhe prega a saude da alegria, a bondade do riso, a eterna gloria da mulher, a suprema beleza da criança, a grandeza do amor e das flores, do ceu e da terra, da alma e do corpo, do pensamento e dos astros?

Leonardo Coimbra.

Eis como ha 14 anos escrevia num jornal do Porto, *A Vida*, aquele que, tendo sido ministro da Instrução em dezembro, se mostrou empenhado na permissão do ensino religioso nas escolas particulares, por meio dum decreto, levando a sua intransigencia ao ponto de abandonar a pasta ante os protestos levantados contra semelhante projecto!

Decididamente estes politicos se não perderam de todo a transmontana andam a mangar com a tropa.

Mas no fundo o que eles são é intrujões e desvergonhados pela sencerimonia com que mudam de opinião, segundo as conveniencias.

Chegam a causar nôjo.

FILMS...

Na Austria acaba de ser determinado que nenhum homem solteiro possa habitar, sósinho, uma casa, embora lhe pertença e nesta conformidade ou arranja noiva no praso de 13 dias ou põe os ossos no olho da rua.

Que dizem a isto as nossas madamas, ávidas dum marido que as tire da nostalgica vida de solteiras?

Estão com a Austria, não é verdade?...

O antigo bispo de Beja, D. Sebastião de Vasconcelos, que em Roma, para onde fôra residir depois do escandalo a que deu logar nos ultimos tempos da monarquia, usava o nome de arcebispo de Damieta, com que o Papa o agraciou, acaba de dar a alma ao Creador.

E' um acontecimento banal, sabe-se, mas que os jornaes registam ainda levados pelo ruido feito durante essa época agitada da sua vida eclesiastica.

LEMOS algures que o parlamento português custa á nação a bagatela de 100 escudos por minuto!

Ora aqui está uma coisa barata no meio da carestia que vamos atravessando com a ajuda do Senhor!...

100 escudos por minuto! Onde haverá quem mais trabalhe e tanto produza por tão pouco dinheiro?...

FEZ no dia 6 um ano que o sr. Antonio Maria da Silva, em nome do partido democratico, assumiu a chefia do governo, apresentando um programa de salvação publica que se ainda não nos trouxe a felicidade completa pouco faltará, tão palpaveis se mostram os beneficios colhidos até hoje...

Se caminhâmos para ela a passos agigantados...

TEMPORAL

Depois duma longa quadra de estio, veio, finalmente, a chuva, que se fez acompanhar de vento rijo e tempestuoso.

Sobre tudo a noite de quarta para quinta-feira foi horrorosa.

LUZ ELECTRICA

Como consequencia da elevação constante do custo de tudo, ouvimos que brevemente deixará de existir a luz electrica, ficando a cidade privada desse importante e imprescindivel melhoramento.

E' o caso que, ao inaugurar-se a luz, a lenha custava 45 escudos cada cento. Hoje está a 100. A Camara Municipal, até determinada época, satisfez a elevação, que, por força das circunstancias, a empreza ia pedindo e, assim, de 400 escudos mensaes, passou a pagar mil e quatro centos. Mas atualmente isso já não chega e a empreza, que está vivendo n'uma luta aberta entre a sua receita e despeza, apéla de novo para a Camara, que por sua vez responde não poder dispender mais com a iluminação apezar de todos os seus esforços, visto as outras despezas crescerem esmagadoramente e a receita não comportar o novo esticão.

Finalmente: quem ha-de sofrer somos todos nós, condenados outra vez á falta de luz como no tempo da guerra.

COISAS DA CATOLICA

O bispo de Coimbra em fóco

Uma censura e o nosso correctivo

Ao de Niza, do orgão democratico, custou-lhe a engulir o bocado que transcrevemos de Camilo e arreganhou a dentuça á porta, que é das melhores coisas que saíu da pena do genial polemista.

Não satisfeito por ter errado o bote, remete-nos para a *Divindade de Jesus*, que é uma colecção de artigos de imprensa escritos de 1852 a 1854, e editados em volume no ano de 1865, vindo a lume num dos periodos mais criticos da vida do romancista, o que podiamos demonstrar se a ligeirêsa do assunto nos permitisse tal divagação. Mas para resposta basta lembrarmos que a nossa transcrição da *Questão da Sebenta* foi escrita 30 anos depois, em 1883, espaço mais do que suficiente para ficar revogado e abjurado tudo o que Camilo escreveu em 1852, sendo certo que a sua descrença, absolutamente convicta, tem a cimentá-la, a garanti-la, uma vida de martirio, ao arrepio de enormes necessidades, não lhe faltando o maior dos infortunios—a cegueira—e a idiotia dum filho querido!

E, apesar desta odisseia de tormentos, com achaques de toda a ordem, ele, ainda em 1885, pouco antes do seu suicidio, em 1 de Junho de 1890, escrevia, no 2.º volume dos *Serões*, a proposito do enterro dum amigo: *...do seu quinhão de materia que só serve de pretexto á algazarra latina fanhoseada por algumas dezenas de presbiteros com mercenária unção e grande aproveitamento!*

Daqui se conclue que Camilo caminhou firme na sua descrença, até á morte, sem tremer; e nem os anos, nem a doença o desnortearam, como tem acontecido a outros mais *venturosos*, que fazem a triste e réles figura de inconscientes e energumenos, retratando-se na velhice.

Por fim emolou a sua vida atribulada com o suicidio, o que o não inibiu de ter sufragios na igreja da Lapa, fazendo-lhe o panegerico o grande orador Alves Mendes.

Depois destes bocadinhos de ouro ou prata, como melhor entender o de Niza, pedimos-lhe que—vá lá—nos aponte a pagina onde Camilo se mostre arrependido e contricto de os ter escrito.

Abertos n'este ponto os olhos ao ingenuo, passemos a outro, importante, do pastelão, que o cachorro vomitou, como quem se desentala d'um osso que lhe muito o torturasse: é a repugnante e baixissima alusão á *vida depravada* do falecido capelão de cavalaria 8, a que já sumariamente aludimos, e que, por dever d'amizade, deviamos ocultar, no dizer do estriba, autentica hemorroida de rata de sacristia.

Depravada, no criterio do *adelaidico donzel*, e no caso de que se trata, reduz-se apenas ao seguinte: um padre é depravado, porque criou e educou seus filhos, habilitando-os, á custa de angustiosos e pezadissimos sacrificios, a viverem honradamente na sociedade!

Dentro dos moldes da *Castidade canonica* poderá ser uma irregularidade, um crime de mão cortada, mas não revela depravação ou rebaixamento de habitos e costumes que escandalizem a sociedade segundo o asnatico criterio do colaborador do orgão, bem mostra estar fretado por conta d'alguem, ou por conta propria, no intuito de agradar, para a ingrata defeza que tenta.

Vamos puxar mais uma vez este onágro para ele retouçar, á vontade, nos campos da ortodoxia, na sagrada Biblia.

N'esta se diz em letra redonda: *—Crescei e multiplicai-vos!*

Ora, cumprindo esta suave missão, o *adelaidico donzel* deve saber que o santo rei Salomão se abotuou com trezentas mulheres e 300 concubinas, não falando no rei David, Madalena, Santa Ursula, Alexandre VI e milhares de garanhões de tiára e mitra, que, sob as benções da egreja, na paz do Senhor, n'este mundo viveram, e, alguns, em cheiro de santidade morreram...

Se é depravação para o clero o cultivar a porcalhona materia do sexto, embora com a cautela de que reza o apostolo S. Paulo; se o escandalo se pode encobrir á sociedade, mas não a Deus, que tudo vê; se o acto é criminoso em si e em qualquer hipotese, então pode Deus fazer do ceu palheiro para palha que lá não entra nenhum masmarro, quer ele viva em publica ligação, quer disfarçadamente esteja nas melhores relações com o terceiro inimigo da alma—a carne—sempre tão atreita a estas enfermidades!...

E' ainda o Evangelho que vai servir de bridão aos latidos do nosso palermoide acalentado pelo orgão: Madalena, uma lubrica estroina, gozou o inefavel prazer de envolver os pés de Cristo no escuro das suas tranças, e foi perdoada, porque muito amou... Aos que pretendiam apedrejar a mulher adultera, Cristo observou-lhes que lhe atirasse a primeira pedra o que estivesse isento de culpa; e, pela bôca de S. Paulo, como o petisco não é nada mau, diz Cristo que *o que não poder ser casto, seja, ao menos, acautelado*, que se governe, enfim, pela chucha-calada...

Donde se conclue que o cultivo da materia nem sombras tem de depravação e não embaraçou que centenas de padreadores merecessem as honras dos altares e do solo-pontificio, e nem provocaram, ainda até hoje, as iras do mitrado de Coimbra muitos que vivem no aconchego dos seus *arranjinhos*, dizendo missa todos os dias, tendo já netos e filhos com barba...

Pois então.

O preço da carne

Precisamente quando nas feiras desce, e não pouco, o preço do gado, a carne é elevada nos talhos, custando presentemente 4 escudos, cada quilo!

Agravar mais a vida, só por manifesta ganancia se justifica. A elevação do preço da carne, neste momento, é revoltante. Mas a quem pedir providencias se tudo corre, neste país, á revelia e ninguem faz caso de meter nos eixos o que ha tanto andam fóra deles?

Baile de mascaras

Como nos anos anteriores, o *Club dos Galitos* realisa na proxima segunda-feira, no Teatro Aveirense, um atraente baile *masqué* a que deve concorrer a fina flôr da mocidade aveirense e para o qual teve a gentilêsa de nos convidar.

Agradecemos, desvanecidos...

O Democrata *vende-se no quiosque Raposo, Praça Marquez de Pombal.*

Imprensa

«A Revolta»

Este quinzenario academico republicano de Coimbra publicou um numero especial no dia 31 de Janeiro, comemorativo da jornada do Porto e de homenagem ao inconfundivel apostolo da Democracia, autor da *Cartilha do Povo*, dr. José Falcão, que nesse dia teve tambem a visitar a sua campa, um Santo Antonio dos Olivaes, a cidade em peso.

A Revolta é brilhantemente colaborada.

Aos nossos assinantes

MUITA ATENÇÃO

Vai começar a cobrança das assinaturas de O Democrata *no continente e por isso rogâmos aos nossos subscritores a fineza de satisfazerem os respectivos recibos apenas lhes sejam apresentados. Como já dissémos, a quantia neles mensionada será do seu débito até 31 de dezembro findo, pelo preço antigo, e mais 5$00 do primeiro semestre do ano corrente, que vai de 1 de janeiro a 30 de junho.*

Que todos tenham em atenção as enormes despezas que o jornal acarreta e bem assim o trabalho dispendido sem remuneração alguma, concorrendo, desse modo, para que a vida de O Democrata *se prolongue, e dar-nos-êmos por compensados.*

Notas mundanas

Passa hoje o primeiro aniversario do filhinho do nosso amigo Abel Gonçalves, empregado na Caixa Economica Aveirense. Os nossos parabens.

— Não está, infelizmente, melhor o sr. Manuel Marques da Cunha.

— Consorciou-se na quarta-feira o nosso amigo Manuel da Silva Felix, empregado superior do Banco Regional desta cidade com a menina Julia de Lemos. Por parte da noiva testemunharam o acto, sua prima a sr.ª D. Alice Ferreira da Encarnação e o sr. Elviro da Graça e pelo noivo o sr. Antonio Henriques Mariano Junior e D. Aurora de Matos, que de Lisboa veio para esse fim.

Aos noivos, em que abundam todos os sentimentos e dotes de coração, apetecemos um futuro repleto de felicidades.

— Está gravemente enferma a esposa do professor do liceu, sr. Antonio Ramos.

— Fazem amanhã anos os srs. dr. Joaquim de Melo Freitas, Antonio Simões Cruz e Francisco Simões, este ultimo guarda livros duma importante casa comercial de Loanda.

Comicio no Troviscal

Como fôra anunciado, realisou-se no domingo um comicio de protesto contra a interdição da musica do Troviscal, concelho de Oliveira do Bairro, pelo famigerado bispo de Coimbra, comicio que foi largamente concorrido e no qual se resolveu *lançar* tambem o *interdito* sobre todos os padres que dentro dos limites daquela freguezia pretendam praticar qualquer ceremonia religiosa.

Essa interdição cessa, porêm, quando a filarmonica seja autorisada a exercer a sua profissão em toda a parte, sem pressão ou coação de especie alguma.

E agora?

BENEMERENCIA

Como em egual data dos anos anteriores, este jornal distribuiu na segunda-feira 5$00 pelos pobres seus protegidos e que lhe foram enviados pelo acreditado droguista portuense, sr. José Ferreira Pinto Junior, para comemorar o aniversario da morte do saudoso republicano, Francisco Antonio de Moura.

Contemplámos com um escudo cada, estes cinco: Maria das Dôres Pitarma, R. Miguel Bombarda; Maria Inocencia, idem; Maria Chica, idem; Amélia Morena, R. de S. Sebastião e Violanta, cega, R. da Corredoura, em nome de quem agradecemos.

NECROLOGIA

Após quarenta oito horas de dilacerante sofrimento, faleceu a menina Natercia Correia Rosa, de 10 anos, filhinha do nosso saudoso amigo João Rosa.

Magoa-nos profundamente o triste desenlace.

Coisas que acontecem...

O caso passou-se esta semana.

J. M. (tanto póde ser Jorge Marques como qualquer outro *conquistador;* para o que vamos contar vale o mesmo) ia a entrar na *Elegante*, conhecida loja de modas da Rua José Estevam, no momento em que saía uma linda rapariga acompanhada por uma sopeira de venta torta. Como a pequena era naturalmente ecisa apilarada, J. M. saiu logo atraz e foi-se encontrando com ela varias vezes. Na ultima, o local era estreito, pelo que a creada, de nariz torcido, diz á patrôa:

— O' senhora! Deixe passar este homem que anda atraz de nós de castigo...

J. M. não ficou contente. Virou de escouta e sem se preocupar mais com novos encontros foi á sucursal dos *Armazens do Chiado* a cuja porta encontrou certo amigo que ha muito não via. Cumprimentos, abraços e lá ficaram ambos conversando quando surgem as duas para entrar. J. M. dirige-se então, em voz alta, ao amigo:

— Homem! Arreda-te lá e deixa passar estas creaturas que andam atraz de mim de castigo!...

O dito foi tão a tempo que a patrôa riu a bom rir por entre os improperios da creada, furiosa.

Depois...

Ora, depois... E' vêr o que dizia o outro:

Flirt é um fio dourado
Sobre um rio atravessado
Todo luz.
Amor é o nome do rio...
Quem não sabe andar no fio
Catrapuz!...

SPORT

Teve logar no domingo mais uma partida de *foot-ball* entre o *team Beira-Mar* e outro, vindo de Espinho.

O jogo, porêm, deixou muito a desejar e, francamente, seria da maxima conveniencia para todos evitar a sua repetição.

Os *teams* desta cidade deveriam convidar aqueles com quem pudessem aprender, pois evidentemente, quando se joga não deve só haver a preocupação de ganhar. Não falâmos com paixão, francamente o declarâmos, mas exibições como se viram no domingo só prejudicam os jogado, res e aborrecem o publico, que dia a dia, mais interesse vae mostrando por esta diversão sportiva. Acresce ainda que o *Beira-Mar* não jogou com os seus melhores *players* e daí aquelas duas horas de monotonia aterradora que enfastiou profundamente os espectadores.

Para interesse de todos, não caiam n'outra.

AGRADECIMENTO

João de Lemos, zelador municipal, vem publicamente agradecer a todas as pessoas que piedosamente concorreram para o funeral do seu desditoso irmão, morto, repentinamente, no dia 17 do mez findo, significando-lhes a sua indelevel gratidão.

Aveiro, 5 de fevereiro de 1923.

Piparotes

O mordomo de S. Paio,
Barbas-sujas, safardana,
Já não bebe pelo copo
Quando agarra a carraspana.
Deixou-se de *copofóne*
O festeiro da Torreira;
E' agora por trombone
Que ele apanha a bebedeira.
Tem-se assim a explicação
De que *Bébes*, da Murtosa,
Este grande borrachão
Se julgue com importancia
P'ra vomitar baboseiras
E falar em *dissonancia.*
Ou então o homensinho,
Com arrotos avinhados,
Já se julga um maestro,
Mas maestro dos taxados...

Harmonica.

Correspondencias

Costa do Valado, 8

A pedido da sr.ª D. Idalina Dias cumpre-nos desmentir a noticia do seu consorcio, que incluimos na correspondencia da semana passada, não como galga de entrudo, mas em virtude do que ouvimos a pessoas de credito.

De resto, parece-nos que a referencia não contém materia criminal e por isso devemos ser absolvidos.

= No proximo logar de Salgueiro deu á luz tres crianças a esposa do sr. Rodrigo dos Santos Vieira as quais pouco tempo tiveram de vida.

= Realisou-se ontem, com fraca concorrencia, a feira dos 7 na Oliveirinha.

= Encontra-se melhor da gráve doença que a acometeu a esposa do sr. Elias Fernandes Vieira.

= Fez esta noite um temporal medonho, não nos constando, porêm, até á hora de lançarmos esta no correio que haja feito prejuizos de maior.

= Quando na sexta-feira passada o sr. Antonio Povoeiro, da Povoa, descia, com velocidade, a ladeira de S. Bento, montado em biciclete, esta partiu-se pelo que aquele ciclista se feriu muito na cabeça e na cara, chegando a perder os sentidos. Foram-lhe prestados socorros medicos, entrando em via de restabelecimento.

C.

—

Verdemilho, 8

A noite passada varreu esta localidade um furacão acompanhado de graniso, tendo ficado destelhadas algumas casas e por terra muros e arvores no valor de bastantes escudos.

= Faz ámanhã anos a virtuosa esposa do sr. Manuel Nunes Ramos, distinto professor oficial.

As nossas felicitações.

C.

Por Oliveira de Azemeis

O meu julgamento e... "Justiça de Castela„

(Continuação)

A vida do sr. dr. Juiz desta comarca é um grande rosario de mentiras com padre-nossos de parcialidades e glorias de prepotencias. Ele, os seus compadres, os seus companheiros de sarrabulhos e de *salgados* e os seus protectores sabem perfeitamente que esta é a realidade dos factos, mas que é necessário encobrir e negar, para que ás autoridades competentes, ao Conselho Superior Judiciário, não chegue conhecimento da triste vida deste magistrado e não se lhe faça uma sindicancia para não descobrir tanta miseria, tanta vergonha. E eis a razão porque este magistrado, o *honrado Antonio Joaquim, o bom juiz*, se agarra a toda a gente, aos seus subordinados e não seus subordinados, implorando protecção, pedindo elogiosas referencias á sua pessoa, esmolando o favor aos politicos de não consentirem que a sindicancia aos seus actos se faça. Esta esmola e este favor traduzem claramente, que o sr. dr. Juiz tem prevaricado, tem consentido ilegalidades, tem feito actos vergonhosos. Se o sr. dr. Juiz fosse um magistrado integro, um verdadeiro juiz, um homem honrado como tantas vezes o afirma, escrevendo e orando, ao mais leve rumor de duvida sobre a honorabilidade dos seus actos, imediatamente pedia, exigia uma sindicancia; mas esse juiz, esse honrado, foge dela como o diabo foge da cruz. Quanto mais pede, mais implora, mais rasteja, mais conspurca a sua beca, mais choldreia a sua vida. Quem pede uma falsidade, em retribuição, apto está a praticar esse indecoroso acto. E o sr. dr. Juiz tem pedido, até mesmo aos seus subordinados, falsidades, mentiras. Com que autoridade moral este homem se senta na cadeira de julgador, se não tem a imparcialidade suficiente para aplicar a lei, fazendo justiça? Ha de mentir, falsear, todas as vezes que lho impozerem os que por ele já falsearam e mentiram. Quanto mais tempo o conservarem na magistratura, maior será a infelicidade, porque cada vez mais se enterra na lama do oprobio.

Se ha alguem neste mundo que seja amigo verdadeiro, desinteressado, deste sr. Juiz, a melhor prova de dedicação, de sinceridade, é obrigá-lo a abandonar a missão de julgador e guiá-lo para os seus olivais aonde possa tranquilisar o seu espirito, apascentando o remorso.

Durante o meu julgamento mentiu com um descaramento inaudito, calcou desaforadamente a lei, estrangulou com satisfação a justiça, defendeu sem brio e sem argumentos, sem dignidade e sem logica, os que exploraram os haveres e a moral da Cooperativa e que sorripiaram os direitos dos pequenos, dos pobres com toda a impudencia.

O sr. dr. Juiz logo desde o inicio me ameaçou, querendo obrigar-me a responder a todas as suas perguntas, afirmando que a lei o determinava. Não me podia obrigar. A lei claramente diz que, alem da identificação, o réu responde, se quizer. Mentiu e com a prepotencia ameaçou.

Quando se referiu ao procedimento do sindicante, então administrador do concelho e sempre Cunha Leitão, elevou-o até aos cornos da lua, dizendo que era ele quem determinava o objectivo da sindicancia.

Mentiu, pois o objectivo vinha determinado pelo Comissário Geral dos Abastecimentos, sr. Peres Trancoso, a quem tinham sido participados esses desmandos da direcção da Cooperativa (dos Castros-Leães) e toda a gente desta vila e cercanias conhece bem o passado vergonhoso do sr. Cunha Leitão.

Quando negou a admissão de documentos apresentados pelo meu advogado a meu favor, disse, com ares de catedratico, que não os aceitava porque aguas passadas não movem moinho.

Mentira cientifica e mentira juridica. Quando uma corrente liquida passa, atraz de si faz o vacuo, aspira e portanto aumenta a velocidade da maça liquida que se lhe segue. E quanto maior fôr a velocidade da corrente, maior força é imprimida ao motor, ao moinho. E no poder judicial, quando mesmo já em andamento corre um processo, os factos congeneres praticados posteriormente ao crime que lhe é imputado, servem para corroborar o temperamento e o sentimento do réu, são subsidiários para a historia do criminoso e do crime. Tanto no moinho do moleiro como no do poder judicial as aguas passadas ajudam a moer, fazem farinha. O sr. dr. Juiz bem o sabia, porque, quando ao fazer as minhas alegações lhe disse que ia refutar essa afirmação, não consentia, ordenando-me que me calasse, intimando-me a nada mais dizer e a sentar-me! O sr. Juiz procedeu assim, para que eu não completasse a minha defesa.

Mentiu com prepotencia e com parcialidade.

Em vários passagens do julgamento não consentiu que se fizessem referencias aos actos da direcção da Cooperativa, causa origem da sindicancia e dos motivos da minha incriminação e, todavia, dissertou por campos inteiramente extranhos ao assunto que se julgava, como fosse o meu divorcio, a minha vida profissional, as minhas ideias religiosas e os meus artigos em campanhas jornalisticas, depremindo o meu caracter, enxovalhando a minha dignidade, não com verdades, porque estas nem deprimem nem enxovalham, mas com tôrpes mentiras. Recordo-me perfeitamente de dizer, em movimentos exercitados de vigarista, que eu era um ganancioso, que levava exorbitancias, que não fazia serviços gratuitos. Mentiu e tão cavilosamente que negou as consultas que gratuitamente lhe tinha dado. Este procedimento é o que ha de mais atribiliário, de parcial, de injusto.

Quando lhe disse que muita gente de Oliveira e restantes freguesias, entre a qual se contavam pessoas de elevada categoria social, aplaudiam a campanha levantada contra esses Castro-Leões, esses directores da Cooperativa, declarando que eu dizia muito pouco do que eles mereciam, designando entre estes a pessoa do sr. dr. Juiz, negou terminante o que havia dito quando no poder estavam os outubristas.

Mentiu para ser agradavel áqueles cujo cortejo ao seu desgraçado procedimento me levou até ao banco dos réus, aonde me sentei e donde me levantei com a máxima tranquilidade de espirito, sem o mais fugidio arrependimento.

E' com a convivencia dessa gente que ele, como o confessou, se sente bem! E' uma auto-classificação corroborada por acontecimentos posteriores, como aqui se ha de provar ainda.

Quando respondia ás suas perguntas ou as testemunhas, necessário era estar com toda a atenção, porque o sr. dr. Juiz, ao fazer a redacção, que, diga-se de passagem, nunca me foi oferecida como é por lei, alterava, por vezes, as palavras pronunciadas e o sentido da resposta. Eram alterações propositadas, que denotam parcialidade, descortezia e assentimentalidade. Mentia com abuso de autoridade.

Quando á mão lhe fui na redacção do depoimento, em instancia, duma testemunha, ele prometeu modificar no sentido verdadeiro, mas, chegando quasi ao fim e a alteração, para bem, não ter sido ainda feita, chamei-lhe atenção e ele disse que fazia a emenda e que *dos seus esquecimentos não lucrava eu.* Pois não fez, como se pode vêr no processo, a emenda prometida e devida, unicamente porque *dos seus esquecimentos não lucro eu!*

Quando no final do julgamento me deu a palavra para as minhas alegações e a breve praso abrutamente, sem lei e sem educação, ma retirou e me mandou sentar, quiz sustentar, perante o mesmo auditorio de momentos antes, que tinha sido eu que havia desistido da palavra e que expontaneamente havia dado por findas as minhas alegações! Como é que se deve classificar um homem que deste modo mente perante tantas pessoas? Negada a sua afirmação e teimosia por mim e pelo meu advogado, voltou-se para o agente do M. P. e perguntou-lhe, com entoação de concordancia: *Não é verdade o réu ter desistido da palavra expontaneamente e não eu que lho ordenasse?*

Todo formalisado, respondeu-lhe o M. P.: *Foi V. Ex.ª que lhe retirou a palavra, porque o réu disse que mais tinha que alegar em sua defeza.*

Este desmentido, feito em plena audiencia, era motivo mais do que suficiente para um homem com certo pundonor fugir envergonhado, rasgando a béca. Mas o *Antonio Joaquim, o bom juiz*, ficou na mesma placidez, não consentindo, apesar de requerido, que na acta constasse esta edificante passagem. Mentiu, não querendo tomar a responsabilidade dessa monstruosa vergonha.

Como ainda temos muitas contas no rozário para desfiar, continuarei no proximo numero a descrever mais vergonhas, mais mentiras.

José Lopes de Oliveira
Medico.

Arrematação

(*1.ª publicação*)

No dia dezoito do mez de Fevereiro proximo, ás 12 horas e á porta do Tribunal Judicial desta comarca, se ha-de proceder á arrematação em hasta pública, a fim de ser entregue a quem maior lanço oferecer acima das respectivas avaliações porque vão á praça conforme foi deliberado pelo conselho de familia no inventário orfanológico, a que se procede por óbito de Antonio da Cunha Pereira, solteiro, proprietário, de Aveiro, e em que é inventariante Dona Maria Emilia da Cunha Pereira, viuva, proprietária, tambem desta cidade, dos seguintes prédios:

Um palheiro de madeira, sito na Costa Nova do Prado, freguesia de Ilhavo, avaliado na quantia de seis mil escudos (6.000$00*)*;

Um pinhal sito no Passadouro, limite da Quinta do Gato, avaliado na quantia de duzentos e cincoenta escudos (250$00);

Uma leira de pinhal sita no mesmo local, avaliada na quantia de cem escudos (100$00).

Estes dois pinhais respeitam ás duas glebas do praso denominado do Sedanha da Alagôa de Altes, sobre as quais está registado o dominio directo do fôro anual, que por destrinça lhes pertencer, de trigo galego, de milho e de centeio, a favor de Alfredo Rangel de Quadros, casado, proprietário, de Aveiro e de Antonio de Melo Corrêa, casado, proprietário, morador na cidade de Lisboa.

Uma pequena leira de pinhal, que vai intestar no caminho da Patela, São Bernardo, avaliada em trinta escudos (30$00);

Um bocado de pinhal no mesmo sitio, avaliado em cincoenta escudos (50$00).

Toda a contribuição de registo e despezas da praça serão por conta do arrematante.

Para constar se passou o presente e outros de igual teor para serem devidamente afixados, nos lugares que a lei determina, e pelos quais são citados quaisquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos, querendo.

Aveiro, 23 de Janeiro de 1923.

Verifiquei

O Juiz de Direito, substituto,
Alvaro de Eça

O escrivão do 5.º oficio,
Julio Homem de Carvalho Cristo.